



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA  
LICENCIATURA EM LETRAS  
HABILITAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

**LEDISSE ROCHA LIMA**

**O PASSADO (RE)CONSTRUÍDO PELA MEMÓRIA:  
ANÁLISE DE ROMANCE AUTOBIOGRÁFICO DE ÂNGELO BRUNO**

**Araguaína (TO)  
2019**

**LEDISSE ROCHA LIMA**

**O PASSADO (RE)CONSTRUÍDO PELA MEMÓRIA:  
ANÁLISE DE ROMANCE AUTOBIOGRÁFICO DE ÂNGELO BRUNO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como pré-requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, *campus* de Araguaína, sob orientação da professora Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva.

**Araguaína (TO)  
2019**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- L732p Lima, Ledisse Rocha .  
O passado (re)construído pela memória: análise de romance autobiográfico de Angelo Bruno . / Ledisse Rocha Lima. – Araguaína, TO, 2019.  
39 f.  
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2019.  
Orientadora : Luiza Helena Oliveira da Silva  
1. Angelo Bruno. 2. Memória. 3. Literatura no Tocantins. 4. História . I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**LEDISSE ROCHA LIMA**

**O PASSADO (RE)CONSTRUÍDO PELA MEMÓRIA:  
ANÁLISE DE ROMANCE AUTOBIOGRÁFICO DE ÂNGELO BRUNO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, *campus* de Araguaia, sob orientação da professora Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva.

Aprovado em 25 de novembro de 2019.

Banca de avaliação

Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva (orientadora/UFT)

MSc. Érica de Cássia Maia Ferreira Rodrigues (PPGL/UFT)

Dr. Wallace Rodrigues (Letras/PPGL/UFT)

*Dedico este trabalho ao meu amado e adorável pai, um verdadeiro herói, por tanto carinho, incentivo, cuidado e zelo com os filhos, como um verdadeiro guerreiro e batalhador. Agradeço por seu amor incondicional. Obrigada por existir.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que permitiu que tudo isso viesse a acontecer, por ter me mantido de pé com saúde e por estar sempre presente ao meu lado, me fazendo vencer em todos os momentos considerados difíceis. Agradeço também por ter me presenteado com essa tão sonhada graduação, atendendo a uma oração que eu fiz, pedindo a oportunidade de ingressar num curso superior. Prontamente fui agraciada, conforme fiz o pedido.

Agradeço também aos meus familiares, meus pais, que são verdadeiros heróis. A minha mãe, Maria das Graças, por seu amor incondicional, por ser uma mulher forte e guerreira. Aos meus irmãos, Leice, Léa, Lêda, Lenart, Lemir, meus companheiros de luta, que nunca me disseram não em todas as vezes que precisei que me levassem e me trouxessem para a universidade.

Aos meus amigos do curso de Letras, Joyce Estrela, Wanderson Monteiro, Paula Vislane, Zenaide, Andressa Fernandes e Jaime Paulino. Nossa amizade fez que com que a jornada ficasse mais leve e produtiva.

A minha professora, Luiza Helena Oliveira da Silva, pela paciência, dedicação, compromisso e por realmente entender e ser uma verdadeira orientadora.

Enfim, a todos os amigos de turma que, de alguma forma, direta ou indiretamente, fizeram parte desse momento único em minha vida, momentos de muito aprendizado que também são inesquecíveis.

*Sorriam sempre, aconteça o que acontecer, a vida é  
um sorriso vindo.*

*Ângelo Bruno*

## RESUMO

Neste trabalho, analisamos o livro *Duas pátrias, um só coração*, do escritor ítalo-brasileiro Angelo Bruno (2009). Ao eleger um de seus autores, a pesquisa visa contribuir para compreender e caracterizar a produção literária feita no Tocantins. O livro selecionado se inscreve como narrativa de memória, optando o autor pelo emprego de um narrador de terceira pessoa, Lino, que seria o alter ego de Bruno. Divide-se em dois momentos da vida do autor/personagem: i. os vividos na Itália, que envolve a experiência na II Guerra Mundial e sua formação como seminarista; ii. os vividos no Brasil, com particular destaque a peripécias no norte de Goiás, Xambioá, hoje Tocantins. Como objetivo principal, buscamos identificar o modo como essa narrativa como figurativiza esses dois lugares trazidos pela memória. Como objetivos específicos, buscamos contribuir para a compreensão da literatura produzida no Tocantins; identificar as características da prosa de Angelo Bruno; refletir sobre a escrita da memória, e, por fim, analisar aspectos relativos à cultura e à história do Tocantins no livro de Bruno. Como metodologia, nossa pesquisa consiste em uma investigação de natureza bibliográfica, envolvendo estudos sobre a memória e histórias de vida e, para subsidiar a análise nos valem de autores que tratam da literatura no Tocantins e da teoria semiótica, que se constitui como teoria da significação, privilegiando aspectos internos ao texto. Como um autor engajado, vemos o modo como seu texto serve para denunciar injustiças sociais cometidas aqui e lá.

**Palavras-chave:** Angelo Bruno; memória; literatura no Tocantins.



## ABSTRACT

In this paper, we analyze the book *Duas pátrias, um só coração*, by Italian-Brazilian writer Angelo Bruno (2009). By electing one of its authors, the research aims to contribute to understand and characterize the literary production made in Tocantins. The selected book is inscribed as a memory narrative, choosing the author to employ a third-person narrator, Lino, who would be Bruno's alter ego. It is divided into two moments of the author / character's fictional: i. those lived in Italy, which involves the experience in World War II and his training as a seminarian; ii. those lived in Brazil, with particular emphasis on adventures in the north of Goiás, Xambioá, today Tocantins. As a main objective, we seek to identify the way this narrative as figurative these two places brought by memory. As specific objectives, we seek to contribute to the understanding of the literature produced in Tocantins; identify the characteristics of Angelo Bruno's prose; reflect on the writing of memory, and, finally, analyze aspects related to the culture and history of Tocantins in Bruno's book. As a methodology, our research consists of a bibliographical research, involving studies on memory and life histories and, to support the analysis we use authors who deal with the literature in Tocantins and the semiotic theory, which constitutes as theory of meaning. , privileging internal aspects of the text. As an engaged author, we see how his text serves to denounce social injustices committed here and there.

**Keywords:** Angelo Bruno; memory; literature in Tocantins.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO.....  | 11 |
| 2 MEMÓRIA.....   | 15 |
| 3 CARACTERÍSTICAS GERAIS DE <i>DUAS PÁTRIAS, UM SÓ ORAÇÃO</i> .....                                | 17 |
| 3.1 Dados do autor.....  | 22 |
| 3.2 Obras publicadas.....  | 23 |
| 3.3 Elementos para uma literatura no Tocantins.....  | 24 |
| 4 IMAGENS DA ITÁLIA E DO BRASIL.....   | 27 |
| 4.1 Imagens da Itália: no tempo da II Guerra.....  | 27 |
| 4.2 Imagens do Brasil por Ângelo Bruno.....  | 29 |
| 4.2.1 4.2.1 <i>Aspectos da cultura do Tocantins ressaltados pela memória de Ângelo Bruno</i> ..... | 32 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....  | 37 |
| REFERÊNCIAS.....   | 38 |

## 1 INTRODUÇÃO

*São belos os pés dos comunicadores,  
Os que transmitem as palavras de vida.  
Como pregou Cristo aos seus servidores  
Provando o seu amor com a própria vida.*  
Ângelo Bruno

No presente trabalho, investigamos o passado reconstruído pela memória no livro: *Duas pátrias, um só coração*, do escritor ítalo-brasileiro Ângelo Bruno (2009). Nesse sentido, esta pesquisa visa contribuir para compreender e caracterizar a produção literária feita no Tocantins, dando privilégio a esse produtivo autor que já escreveu vários livros: de prosa, contos e poesia.

Bruno nasceu na cidade de Fossano, na Itália, no dia 2 de janeiro de 1936. De origem humilde, narra suas dificuldades de sua família na terra natal. No ano de 1956, migra para o Brasil em função de interesses de sua crença religiosa. Como membro da ordem Orionita, virá mais tarde para o Tocantins, então ainda norte de Goiás, para servir à vida religiosa como irmão leigo. Seu livro fala das lembranças da vida nos dois países, Itália e Brasil, o que faz com que na capa da edição de seu livro de memórias tenhamos o desenho de um coração vermelho (no qual se inscreve o enunciado “Um só coração”) em cima do qual se posicionam as bandeiras dos dois países, postas lado a lado (Fig. 1).

Fig. 1 – Capa do livro de Ângelo Bruno (2009)



Fonte: foto nossa.

Além da problemática da memória, que permeia todo o livro, analisaremos outras temáticas que estão nele presentes e que ajudam a configurar uma imagem do Tocantins nas décadas passadas e que podem colaborar para compor as narrativas de sua história.

Ângelo Bruno se apresenta como um homem simples e modesto que cultivava valores da virtude e da religiosidade cristã. Como nos versos que introduzem este trabalho, apresenta-se como “comunicador” como o teria sido Jesus, ainda que suas narrativas não tragam explicitamente essa dimensão religiosa. Suas palavras trazem narrativas ora de momentos tristes que viveu, ora de situações engraçadas ou curiosas, mas todas são atravessadas por uma espécie de missão de caráter cristão, que leva o enunciador a aderir a valores como o da amizade, da verdade, da justiça. Foi professor muito conceituado que contribuiu de forma significativa no aprendizado de seus alunos na disciplina de Matemática. Nas suas narrativas, emerge sua posição política como docente e também seu caráter apaziguador no diálogo tranquilo com seus alunos e colegas de profissão. Contribuiu para melhorar a qualidade da educação necessária ao desenvolvimento humano e social, principalmente na cidade de Xambioá, situada na região do Bico do Papagaio, no atual Tocantins, onde viveu por alguns anos.

O escritor é um dos membros fundadores da ACALANTO – Academia de Letras de Araguaína e Norte Tocantinense. Conforme Deboni e Deus (2003, p. 16), a sigla ACALANTO “é uma feliz coincidência, no sentido de compor uma sigla jurídica [...] e de possuir conotação poética de lar, lareira, hospitalidade, abrigo, aconchego, o que nos faz inferir a função poética do grupo”. De acordo com seu primeiro presidente, José Francisco Concesso, a criação da Academia se deu pela vontade de “organização e divulgação da vida literária”, criando um “espaço de acolhimento a autores ocultos, e servir de recolhimento àqueles que se encontravam no anonimato” (DEBONI; DEUS, 2003, p. 15).

Além de *Duas pátrias, um só coração*, Bruno já publicou algumas outras obras como: *Epopéia, Raios de Luz, Ato de Fé e Evangelho da Família*, além de artigos publicados em jornal.

O livro aqui em análise foi lançado em outubro de 2009, em Araguaína (TO), mas só conseguimos adquiri-lo de seu filho, Aloísio Bruno, haja vista a dificuldade em termos acesso à produção literária local. Ângelo Bruno é autor de vários livros, de prosa e poesia, mas, apesar disso, não tivemos facilidade de encontrar informações a respeito de sua produção literária, que ainda não mereceu um trabalho de natureza acadêmica. Emerge daí a

importância de um acervo maior desta literatura disponível para os que querem conhecê-la, com políticas de publicação e divulgação dessa produção do Estado.

A Secretaria Estadual de Educação do Tocantins estabelece em seus documentos curriculares que um dos conteúdos da educação básica é relacionado à literatura tocantinense. Como orientação curricular, conforme expressa matéria assinada por Luz (2018), esse documento norteia as principais etapas da formação escolar:

O documento curricular tem como base um conjunto de estruturas e conceitos orientados que visam ao desenvolvimento escolar, tendo como foco os procedimentos e fundamentos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, de modo a nortear as escolas tocantinenses da rede pública de ensino, estadual e municipal, quanto à articulação, organização e avaliação de suas propostas pedagógicas. (LUZ, 2018, s/p)

Assim, cabe ao professor de Língua Portuguesa apresentar aos seus alunos as características da literatura produzida no Estado, mas em que documentos e produções o professor encontra elementos para esse conteúdo curricular? Observa-se o empenho da Secretaria Estadual de Educação em valorizar a produção regional, destinando em sua *homepage* um espaço específico, com indicações de produção a respeito dos autores do Tocantins, indicação de teses e vídeos, mas se trata ainda de uma reflexão dispersa (Cf. <https://educ.to.gov.br/programas-e-projetos/programa-vamos-ler/literatura-tocantinense/>), a demandar maior esforço por parte da academia. Sem uma produção teórica consistente sobre a produção literária desenvolvida no Estado, resta ao professor privilegiar a leitura de alguns autores, valendo-se de critérios mais particulares, sem encontrar muitos subsídios para sua prática pedagógica. Nesse sentido, nossa pesquisa visa a contribuir para a compreensão da produção literária no Tocantins, para isso privilegiando um de seus mais produtivos autores.

Definimos como objeto geral de nossa pesquisa analisar o livro *Duas pátrias, um só coração*, identificando o modo como figurativiza os dois lugares trazidos pela memória.

Como objetivos específicos, buscamos:

- a. Fornecer elementos para a compreensão da literatura produzida no Tocantins;
- b. Identificar as características da prosa de Bruno;
- c. Refletir sobre a escrita da memória;
- d. Analisar aspectos relativos à cultura e à história do Tocantins no livro de Bruno.

Como metodologia, nossa pesquisa consiste em uma investigação de natureza bibliográfica, envolvendo estudos sobre a memória e histórias de vida (THOMPSON, 2002; SILVA, 2015; BOSI, 1979; FIORIN, 1996) e para subsidiar a análise nos valem da teoria

semiótica, que se constitui como teoria da significação, privilegiando aspectos internos ao texto.

Organizamos o trabalho em 4 seções: Depois da introdução, apresentamos reflexões sobre a memória a escrita memorialística. Em seguida, apresentamos características gerais do texto de Bruno e aspectos da sua biografia. Discorremos aí também sobre a literatura no Tocantins. Por fim, apresentamos nossa análise sobre os dois espaços que servem de cenário à memória do autor: Itália e Brasil, com ênfase na análise da figurativização.

## 2 MEMÓRIA

Segundo Silva (2016), reportando-se a Santo Agostinho e a Fiorin (1996), a memória é sempre do presente, construção de sentido que se faz num dado agora, momento em que o sujeito revê o passado e o interpreta, mediante os recortes que efetua sobre o vivido. Acentuamos a noção de recorte, na medida em que não é possível lembrar tudo, a menos que se trate de Funes, personagem do escritor argentino Jorge Luís Borges. Lembramos o que ainda nos afeta, dada a intensidade do instante vivido, de algum modo ainda agindo sobre nós. Tendo em mãos um conjunto de dados dispersos, organizamos o passado como narrativa, dando-lhes orientações de sentido.

Assim, no exercício de recordar, o sujeito instaurado no tempo presente se lança ao desafio de construir sentidos para sua experiência, interpretando-a à luz dos seus saberes, suas paixões, de sua sensibilidade no momento da recordação. Estão previstas então lacunas, ressignificações, esquecimentos.

A memória é a vida sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução aberta a dialética da lembrança e de esquecimento; inconsciente de suas deformações sucessivas; vulnerável a todos os usos e manipulações susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1993, p.9)

De acordo com Thompson (2002, p.215), é importante considerar que diferentes sentidos podem ser apresentados ao passado, na medida em que o sujeito se transforma ao longo do tempo e, desse modo, pode ressignificar sucessivamente a mesma experiência. É o que faz com que pessoas que viveram grandes traumas continuem a contar e recontar o passado, acrescentando nuances e perspectivas novas, reconfiguradas ao longo do tempo. Essas narrativas de memória servem aos interesses da história, mas também ao próprio sujeito que necessita dar sentido à vida:

Por meio da história, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças por que passam em suas próprias vidas: guerras, transformações sociais como as mudanças de atitude na juventude, mudanças tecnológicas como o fim da energia a vapor, ou migração pessoal para uma nova comunidade. (THOMPSON, 2002, p. 21)

No passado, conforme Thompson (2002), a história era transmitida de uma geração a outra pela tradição oral e pela escrita de crônicas. No caso de Bruno, são as crônicas que servem à história. Nesse sentido, enquanto os fatos ganham mais atenção, pesquisas e estudos relacionados aos temas que, por vezes estavam engavetados, ganham novas definições, com dados atualizados.

Em relação também à memória imediata, o passado está muito mais perto do que a tradição. Para cada um de nós, nosso modo de vida, nossa personalidade, nossa consciência, nosso conhecimento constroem-se diretamente com a nossa experiência de vida passada, pois são com esses conhecimentos e habilidades adquiridos no passado que se sobressaem aos desafios do presente. Por vezes, algumas dessas habilidades são consideradas ultrapassadas, mas são alguns dos recursos a que recorremos na solução dos problemas do dia-dia.

A construção e a narração da memória do passado, tanto coletivamente quanto individualmente, constituem um processo social ativo que exige ao mesmo tempo engenho, arte, aprendizado com os outros e vigor imaginativo. Nesse sentido, narrar a experiência pela memória é uma arte que parece ser amplamente prestigiada pelos escritores no Tocantins, que, ao falarem de si mesmos em diferentes peripécias ou de acontecimentos e personagens aparentemente “reais” que evocam nas suas histórias, ajudam a compreender o que seriam as bases da sociedade tocaninense, ainda que possamos pensar que ela se reconfigura vertiginosamente em função das transformações culturais advindas dos processos que nos chegam pela chamada globalização e uma espécie de revolução nas formas de comunicação e partilhas culturais, além da própria dinâmica econômica que hoje atrai levas migratórias para a região em função do agronegócio.

Esse Tocantins que emerge na narrativa memorialística de Ângelo Bruno ainda subsiste nas entranhas do Estado?

Mesmo que não seja inicialmente intenção primeira do autor, podemos ver em seu trabalho elementos que nos fornecem pistas para a compreensão dos problemas do norte goiano e hoje Tocantins. Ao mesmo tempo, podemos observar pelo contraste entre o tempo do “então” e o do “agora” as rupturas que tornam urgente o exercício da memória. O que estava ali, já não está mais, a paisagem se reconfigura, a malha urbana cresce, os sujeitos que se assentavam nas calçadas fugindo ao calor da tarde se escondem da violência atrás de altos muros e cercas eletrificadas, as casas de telhado aparente são substituídas por outras de formas geométricas, aparentemente pelo efeito de modernidade. Ler as memórias de Bruno é ver um Tocantins que talvez não seja mais o mesmo.



### 3 Dados do autor

Ângelo Bruno nasceu em Fossano, na Itália, no dia 02 de janeiro de 1936, filho de Matteo Bruno e Pierina Margaria. Migrou para o Brasil no dia 02 de dezembro de 1956, onde permanece até hoje. No momento da pesquisa, em 2019, residia em Goiânia.

Após quinze anos de vida religiosa na congregação Orionita, casou-se com Alaiz M. Bruno com quem teve quatro filhos. Para conhecer um pouco mais o autor, realizamos uma entrevista, no dia 29 de maio de 2019. Nela, pudemos saber as razões pelas quais Bruno decide migrar para o Brasil:

Vim para o Brasil em novembro de 1956, como Missionário Leigo. Nós recebemos notícias dos missionários que morreram em Tocantinópolis (TO), na travessia do rio Tocantins, em 1952. Depois o Padre Luiz Bettiol que tinha sido meu instrutor também morreu de doença desconhecida, em Tocantinópolis. No ardor juvenil, eu prometi a mim mesmo que iria substituí-lo, então fiz pedido para ser missionário no norte goiano e meu pedido foi logo aceito.

Os primeiros orionitas chegaram a Tocantinópolis em 1952<sup>1</sup>. Não obtivemos dados sobre as mortes mencionadas por Bruno, mas suas informações nos levam a antever os riscos implicados em sua vinda para o Brasil.

Ao perguntarmos sobre sua formação na Itália, o autor nos respondeu, indicando uma orientação clássica: “Na escola, nós chegamos a traduzir obras dos clássicos gregos e latinos. Eu, pessoalmente apeguei-me aos clássicos do Renascimento. Giovanni Páscoli, foi sempre o meu mentor”.

Com relação ao que inspira sua produção, declara Bruno: “Toda a minha vida foi envolvida com a juventude, escrevo para orientar a juventude com mensagens edificantes sobre: religião, família, juventude”. Conforme se pode depreender, a perspectiva religiosa orienta todo o seu trabalho de criação literária.

Bruno vê com bons olhos a produção literária no Tocantins, mas não ressalta nenhum autor. Reconhece a importância da existência das academias de Letras do Estado, mas lamenta as dificuldades de publicação. Com relação ao custeio de seus livros, declara que o faz “Com a cara e a coragem, porque é muito difícil conseguir patrocínio para se publicar livros”.

---

<sup>1</sup> Cf. <https://orionitas.com.br/orionitas-se-despedem-de-filadelfia-apos-61-anos-de-missao/>. Acesso em 12 ago. 2019. Também em: <https://orionitas.com.br/cronologia/>. Acesso em 12 ago. 2019.

Fig. 2: Ângelo Bruno, 2019



Fonte: Fotografia enviada pela esposa Alaiz, pelo celular.

### 3.2 Obras publicadas

O autor produziu 10 obras literárias, sendo 8 (oito) livros de poesia, 01 (um) de caráter religioso e 01 (um), aqui em análise, sobre suas memórias.

| <b>Título</b>                 | <b>Ano de publicação</b> | <b>Gênero</b> |
|-------------------------------|--------------------------|---------------|
| Raio de Luz                   | 1995                     | poesia        |
| Epopéia                       | 1998                     | poesia        |
| Poemas aos jovens com carinho | 1998                     | poesia        |
| Cantando a vida               | 2001                     | poesia        |
| Evangelho da Família          | 2002                     | religioso     |
| Tim Tim                       | 2004                     | poesia        |
| Eu amo Araguaína              | 2005                     | poesia        |
| Volta Josimo                  | 2005                     | poesia        |
| Ato de Fé                     | 2006                     | poesia        |

|                              |      |          |
|------------------------------|------|----------|
| Duas Pátrias e um só Coração | 2009 | memórias |
|------------------------------|------|----------|

### 3 CARACTERÍSTICAS GERAIS DE *DUAS PÁTRIAS, UM SÓ CORAÇÃO*

*Duas Pátrias, um só coração* traduz-se como saudade encarnada no gênero memória autobiográfica. O livro se apresenta como uma espécie de declaração fidelidade a dois amores da vida de seu autor, Ângelo Bruno: a Itália, local onde nasceu e viveu até o início da juventude, e o Brasil, para onde se muda em função de sua vocação religiosa, que é ainda onde vive há mais de cinquenta anos.

O livro, aqui em análise, foi lançado em outubro de 2009, em Araguaína – TO, e reúne as memórias vividas pelo personagem Lino. Grande parte de sua narrativa ocorre na Região norte do Brasil, especificamente, no Tocantins, onde o autor viveu as mais diversas experiências relatadas de forma, ora engraçada, ora séria, ora melancólica, mas todas assumindo terem sido bem vividas para serem bem contadas. É constituído por 59 capítulos curtos, de poucas páginas. A linguagem é bastante simples, clara, com eventual emprego de expressões coloquiais, sem grandes peripécias verbais, como que atestando o compromisso com a clareza e a vontade de se fazer compreender por toda gente. Cada capítulo circunscreve-se a um episódio vivido pelo protagonista Lino. Assim, embora possamos acompanhar a sequência de uma narrativa linear com relação à cronologia, vemos lacunas que quebram a continuidade entre os capítulos, ao mesmo tempo em que garantem a independência do que se narra e faz com que e ser lidos esses capítulos possam ser lidos como contos.

Todas essas unidades são introduzidas com uma epígrafe, que consiste em uma quadra composta por versos heptassílabos, com rimas ABAB, como nos versos a seguir, que introduzem o capítulo intitulado “Na gandaia”:

Quem quiser vencer na vida  
 Não rejeite o que ela dá  
 Nunca vai despercebida  
 Algo novo encontrará.

O tom dessas estrofes que servem de epígrafe possui quase sempre um caráter motivacional, com orientações de natureza moral, confirmando o *ethos* do enunciador, que assume em diferentes produções sua natureza religiosa e missionária. Em alguns casos, essa forma religiosa serve também à crítica social e política, como quando tematiza o salário do professor:

Com a renda lastimosa

A vida do professor  
É uma vida espinhosa  
Mas trabalha com amor.

Bruno veio da cidade de Fossano, Itália, e embora amasse o Brasil intensamente, o narrador assume nutrir o mesmo amor por sua pátria de origem:

Foi ali que a cada primavera retorna a andorinha, visitando o ninho antigo. O sonho dele também é voltar, trazendo a esposa e os filhos, para que eles, conhecendo-a, possam amá-la como ele a ama, Pátria querida, Itália (BRUNO, 2009, p. 13)

Ao mesmo tempo, sem negar suas origens, o amor pelo Brasil também pulsa forte no peito de Lino, pois neste país ele conquistou muitas coisas na carreira profissional, amorosa e que também lhe proporcionou melhores condições de vida:

Lino tem vivido nesses anos todos a realidade de sua família e nela depositou todo o seu amor, toda a sua ventura. Nunca renegou a primeira Pátria, mas hoje a realidade é outra; sente a saudade da terra distante, porém cultiva o amor ao solo que lhe proporcionou condição de vida, onde encontrou a sua cara metade e juntos construíram o paraíso, onde só os que se aceitam mutuamente com virtudes e defeitos, podem realmente desfrutar das delícias inerentes. (BRUNO, 2009, p. 131)

Na narrativa, o personagem Lino, subterfúgio mobilizado pelo autor que opta pelo foco narrativo de terceira pessoa, foi criado para revelar as memórias do próprio autor. Da mesma forma que Bruno, o herói Lino apresenta-se como um italiano de família humilde, que ficou órfão e decide seguir sua vocação religiosa. Por esse motivo, ele opta por deixar sua terra natal, tendo como destino o Brasil.

Em sua nova pátria, Lino percorre o norte do estado de Goiás (que na época de sua chegada abarcava a região hoje correspondente ao Tocantins), como religioso, acompanhando os padres em suas peregrinações. Lino divide-se então como missionário e professor que se dedica a ensinar matemática.

Ao trazer diferentes episódios da caminhada de Lino por essa região, favorece que o leitor possa conhecer como era a vida das pessoas num passado recente, o que atesta o interesse histórico desse trabalho literário. Pelo caráter figurativo, vai trazer imagens do Tocantins numa época em que não contava com estradas asfaltadas ou energia elétrica, cujo transporte, em muitos casos, fazia-se através de animais.

Fazer missões evangelísticas no norte de Goiás era um sonho de Lino, que chegou a Araguaína, norte de Goiás (hoje Tocantins), em 1958. Conforme narra, sua visão sobre o lugar era de que aqui encontraria nas cidades índios armados de flechas como havia

visto em fotos. Nas suas expectativas, poderia andar a cavalo, atravessar rios e conhecer muitos lugares.

Durante a narrativa, é possível acompanhar os percursos que Lino percorre na região, desde a cidade de Xambioá. Guia-o para o Brasil o intuito de obedecer à vontade de Deus. Lino fora seminarista, irmão, e orientava-se pela filosofia orionita. Sua migração atende, pois, a um chamamento missionário, ocupando no estado a lacuna deixada por padres italianos que o precederam e morreram na região.

Além de contemplar as belezas do lugar, foi em Xambioá que Lino conheceu a escola onde iria trabalhar e onde conheceu a pessoa que mudaria para sempre sua vida, aquela que mais tarde viria a ser sua esposa e mãe de seus filhos, Alaiz M. Bruno.

A seleção das cenas atende ao princípio do acontecimento, do ponto de vista da graça da situação vivida, do inusitado da experiência, da dimensão passional vivida pelo personagem, do seu caráter curioso e inesperado. Assim, em uma de suas muitas e variadas narrativas, há uma em que Lino conta sobre um dia em que decidiu viajar para rever a família, em Fossano, na Itália, depois de muito tempo lecionando em Xambioá. Lino arrumou seus poucos pertences numa mala e saiu em busca da condução que existia na época: um avião monomotor do modelo “teco-teco”. Carolina (sul do Maranhão) era o ponto de partida.

No percurso até Carolina, passa por Filadélfia, quando foi convidado para almoçar na casa do Padre Remígio. Antes da partida, aproveitando que a mala estava um pouco vazia, decidiu então levar algumas mangas de mesa que existiam no quintal para servir como merenda na estrada. Chegando ao lugar de embarque, Lino foi surpreendido com alguns militares que revistavam os passageiros, procurando comunistas e contrabandistas que pudessem estar ali.

A mala de Lino era a principal suspeita, mas ao abrirem, encontraram apenas mangas que serviriam de comida durante a viagem. Diante da situação constrangedora, os policiais foram vaiados juntamente com o comandante e saíram enfurecidos.

Como uma de suas regularidades, o livro, através da memória conta vários “causos” curiosos. No caso de Bruno (2009), esses causos se sucedem na biografia do personagem Lino, como revela a citação a seguir:

Araguaína dos anos sessenta, antes que expandisse o “rebolicho” do vai e vem trazido pela abertura da Belém-Brasília, era uma cidade interiorana, bem pacata, sem muitas novidades, sua única animação era uma amplificadora, cujo locutor era Dominginho, que sabia como ninguém intercalar os comerciais das firmas com mensagens religiosas e momentos sociais. (BRUNO, 2009, p. 48).

Atendendo ao propósito da particularização do lugar pela caracterização de seus costumes, Bruno traz elementos que mostram o passado da cidade de Araguaína (norte do Tocantins), revelando traços pitorescos dos anos 60.

Elementos como esse trazidos por essa passagem do livro de Bruno oferecem-nos pistas para a compreensão do modo como foi se constituindo o Tocantins ao longo das últimas décadas, os sujeitos que seriam os atores da construção do estado, assim como nos fornecem modos de analisar as relações de poder, o prestígio eclesiástico, traços da cultura popular, a presença e a ação dos militares no período ditatorial, entre muitos outros vieses a serem apreendidos da leitura.

No decorrer da narrativa memorialística, são narradas diferentes peripécias, algumas situações em que Lino se sente na difícil obrigação de tomar fortes decisões, como no capítulo “Despedida melancólica”. Nessa passagem, Lino informa sua decisão de deixar Xambioá por se sentir desmotivado, se sentir diminuído, desvalorizado por alguns colegas, tanto nos trabalhos na igreja quanto no lado profissional:

Nessa altura ruíram todos os seus sonhos, construídos em tantos anos de oração e obediências. Todos os esforços feitos para ser fiel à vocação foram abalados; Então perdeu a compostura e revidou: – Me explique, por favor, o que pretende dizer com simples irmão leigo? O irmão leigo não é tão religioso como o irmão padre? Ele não merece uma vez por ano renovar as peças íntimas? (BRUNO, 2009, p. 73-74)

A despeito da fé professada por todo o livro e a justificar sua migração para o Brasil, com relação à igreja, houve um pequeno desconforto, envolvendo Lino e seus superiores, como se pode ler no fragmento anterior. Enquanto professor, Lino também não obteve muito sucesso em Xambioá, pois o coronelismo na época era muito forte com intromissões nas decisões da escola, como acentua na mesma cena:

Esses magnatas acostumados a mandar e desmandar sem serem obstaculizados, levantaram-se furiosos, xingando o Lino de estrangeiro e que era o único que não tinha nada a ver com o assunto. Um colega, covardemente tentou remediar, querendo tirar vantagem da situação e remendou: “Este é só o pensamento do Lino, não de nós todos”. (BRUNO, 2009, p. 75)

Devido a esses acontecimentos, o personagem faz uma introspectiva. Ele reflete muito e decide que precisa ir ver sua família em Fossano, na Itália. Ao chegar lá, ele então resolve ir até Roma e pede para desligar-se da igreja.

Ainda na Europa, Lino começa a pensar muito sobre sua vida, e também a se sentir muito sozinho. Ele tinha a necessidade de ter uma companheira, mas, na verdade, essa pessoa

já existia na vida dele. Depois de rever sua pátria amada, seus familiares e seu pai, ele sente que é hora de voltar para um novo tempo em sua vida.

Lino nunca renegou suas origens, mas aqui, no Brasil, abria-se um novo mundo para ele. A cidade escolhida por ele para ficar foi Babaçulândia. Assim, Lino desbravou o norte do Brasil por estradas longas e cheias de muita poeira, devido à falta de asfalto. Na época, só existia muita lama no período chuvoso e as conduções eram bem precárias. Mesmo assim, ele não desanimou, pois dentro do seu coração existia alguém que ele amava e que também o amava.

Viajava-se poucas horas e defrontava-se com os atoleiros que a engenharia prática dos motoristas sabia remediar armando esteiras com galhos e a viagem prosseguia. (BRUNO, 2009, p. 52)

De volta ao Brasil, ele começa a viver como solteiro, mas infeliz com a situação, ele se sente sozinho e aumenta então a vontade de ir encontrar sua amada, a quem carinhosamente, ele chamava de “borboleta esvoaçante”. Com isso, ele decide ir até Xambioá e pede a mão de Clélia em casamento.

Uma mocinha do quarto ano chamou a sua atenção. Era moreninha, baixinha, fofinha e um tanto carismática. Tinha algo que enfeitiçava; uma verdadeira borboleta esvoaçante. A sua alegria inocente cativou Lino desde o primeiro instante. (BRUNO, 2009, p.69)

Após se casarem, eles passaram a morar em Babaçulândia. Com o tempo, foi difícil arrumar emprego como professor na cidade. Diante disso, ele decide vir para Araguaína, cidade esta em que ele encontra alguns desafios dentro de sala de aula, mas que ele, como um professor altamente competente, estava sempre pronto para resolver as dúvidas dos alunos sobre qualquer assunto e sempre com exatidão, estava sempre pronto até mesmo quando o assunto era greve, pois reivindicava melhoria para a escola. É o que narra ao tratar de “Uma reunião malograda”. Ali, vemos novamente o contexto da ditadura militar, impondo-se sobre a nomeação de diretores que visavam a conter os ânimos dos docentes frente a demandas da escola, como se dá quando a fossa do colégio Polivalente estoura, ameaçando produzir uma epidemia junto aos alunos.

O Polivalente foi quinhão de um político que, sendo militar, sabia como cortar o topete dos professores mais exaltados. Como primeiro ato destituiu o diretor e nomeou uma interventora. Era uma professora vinda de fora, muito bem preparada, mas já entrou prevenida contra a turma. (BRUNO, 2009, p. 95)

Depois de lutas e batalhas, chega o dia em que ele recebe a notícia de sua aposentadoria, ele se sente muito feliz e realizado. Ele sempre se lembra de sua pátria querida, pois faz uma breve reflexão sobre sua vida de tudo que já tinha passado desde a Itália, até aquele momento único.

Além desses resumos feitos aqui, a história de Lino contém outras narrativas leves e simples de ler. A linguagem do texto é de fácil entendimento e os relatos são expostos com riqueza em detalhes.

Lino e seu irmão Rico são os mais unidos; um é a panela, o outro é a tampa; aonde um vai, o outro logo segue atrás. Não é mania, mas uma verdadeira amizade. (BRUNO, 2009, p.23)

O relato de memórias, por ter uma característica pessoal no texto, aproxima o leitor da narrativa e provoca empatia em quem o lê. Na obra, o autor retrata o amor que sente por sua terra de origem e a saudade que sente por ela, assim como os bons sentimentos que também sente pela nova terra em que reside, não demonstrando, em sua narrativa, uma forma dolorosa de relato, mas as conta em ritmo de saudade, de ensinamentos e de superações.

Assim, *Duas pátrias e um só coração* é uma síntese da vida de seu autor, ao mesmo tempo em que transmite a quem o lê conhecimentos necessários sobre um período específico da história do Tocantins, do seu espaço, das suas lutas, da sua vida proporcionando ao leitor o contato com um relato ao mesmo tempo nostálgico, real e sincero.

### **3.3 Elementos para uma literatura no Tocantins**

O Tocantins foi criado pelo desmembramento de uma área pertencente ao estado de Goiás, pela Constituição Brasileira de 1988. Conforme Cruz, a literatura aliada a outras artes terá papel fundamental na edificação de um projeto de “identidade” para o estado: “Partimos da hipótese de que o Tocantins é um estado em busca de uma identidade, sobre a qual paira uma onda nebulosa que se move no curso da história moderna em busca de uma direção”. (CRUZ, 2008, p.56).

Para Cruz, a literatura do Tocantins, bem como a literatura brasileira busca aprimorar uma explicação que evidencie e particularize o que seriam as características exclusivas de sua localidade, daí emergirem textos com grande teor descritivo em relação à paisagem do cerrado, às características culturais regionais, a linguagem do sertanejo, aspectos históricos e memorialísticos. Seria o apontamento dessas particularidades que, supostamente, distinguiriam o estado do Tocantins de outras regiões do país e, ao mesmo tempo, particularizariam sua literatura.

Cruz dedica-se a observar quais seriam esses elementos particularizantes, considerando, principalmente aspectos temáticos assumidos pelos escritores, dada sua inserção histórica e social:



Partimos do pressuposto de que cada literatura possui seus problemas peculiares e por isso requer um tratamento específico. Se é verdade que não existe uma literatura independente em nenhum dos estados brasileiros, há, sem dúvida, uma literatura brasileira manifestando-se de forma diferente em todas as unidades da federação. E o que pode diferenciar uma literatura da outra dentro de um mesmo país? Evidentemente os estímulos que recebem os escritores motivados por fatores de ordem política, histórica, social e geográfica. Por isso é preciso assinar que, se há entre as literaturas certos aspectos semelhantes, há, por outro lado, fatores que a diferenciam. (CRUZ, 2008, p. 10)

Em busca de elementos fundacionais dessa produção literária, Cruz ressalta que essa particularidade se encontraria, por exemplo, nos textos que remetem à atividade econômica dominante no estado a partir de seus primeiros habitantes (ignora-se a presença indígena): a pecuária. Fundariam, assim, uma literatura “tocantinense”, escritores como Moura Lima e Liberato Póvoa, que assumem sua inscrição como autores regionalistas.

Segundo Deboni (2007), a apropriação de determinados aspectos tomados como realidade objetiva por um certo número de habitantes, de modo a induzir os demais a reconhecerem essas particularidades, favorece esse projeto identitário. Em outro trabalho, escreve a pesquisadora:

[... ] Há, com o surgimento do Tocantins, o desejo de se criar uma literatura que venha caracterizá-lo, particularizá-lo, singularizá-lo, no esforço da produção de uma literatura “tocantinense”, caracterizando um esforço distinto de outras manifestações artísticas, que buscam a inserção nas linguagens contemporâneas e do que se faz em outros centros de prestígio cultural. (DEBONI, 2011, p. 14)

Em sua tese, Deboni ressalta que, frente a essa política cultural, as academias de Letras tocantinenses desempenham um papel de fundamental importância no processo de construção de uma atividade literária mais estável para o estado, já que as instituições cumprem a função de revelar novos escritores, incentivar a produção de um número considerável de obras, bem como amenizar os problemas relacionados a divulgação desses textos e seus autores (DEBONI, 2007, p. 23). Essas academias visam ainda a reverter a ausência de recursos para financiamento da publicação e divulgação das obras e o número ainda reduzido de editoras que são também de pouco alcance no mercado nacional.

Uma questão que emerge nesse cenário é a discussão entre as denominações “literatura no Tocantins” e “literatura tocantinense”. Para Rocha (2019), que prefere a última denominação, **seriam considerados autores tocantinenses todos os que escrevem na região, independentemente de seu local de nascimento.** Excluir os que nasceram em outros estados implicaria em eliminar alguns dos autores mais reverenciados na região, como José Francisco da Silva Concesso, Odir Rocha (ambos naturais de Minas Gerais) e o paraense Zacarias Martins:

Entendo como escritor tocantinense aquele que produz, literariamente, no estado do Tocantins, do Bico do Papagaio a Talismã, de Araguacema a Lizarda. Tenha ele nascido no norte goiano, ou no atual Tocantins, na Ásia ou em Marte, se aqui vive e produz, autor tocantinense é. (ROCHA, 2019, p. 83)

Ao enumerar os escritores Concesso, Rocha e Martins, Rocha (2019) explicita o intenso fenômeno migratório que se desenha no estado a partir da construção da Belém-Brasília e, num segundo momento, com a criação do novo estado, com impactos sobre a literatura, como ressalta Magalhães:

A criação do estado do Tocantins veio redesenhar as fronteiras no interior do Brasil, motivando um fluxo migratório muito intenso de muitas regiões do país para o estado Surge, a partir de então, uma literatura que testemunha uma grande efervescência cultural, resultado do fluxo de pessoas ligadas às artes oriundas de outros estados, da criação de universidades, editoras, bibliotecas e livrarias. (MAGALHÃES, 2008, p. 94)

Se, conforme Magalhães (2008), a literatura se mostra efervescente, ainda inexistente um trabalho mais consistente de sistematização das características dessa produção. Disso advém nosso objetivo neste trabalho, ao selecionar um dos autores: com a análise que propomos, pretendemos contribuir para a compreensão dessa literatura.

#### **4 IMAGENS DA ITÁLIA E DO BRASIL**

Como narrativa, o texto de Bruno se apresenta como predominantemente figurativo. Para a semiótica, compreende-se como tal os textos em que há uma maior presença de elementos que remetem ao mundo natural e que, portanto, criam “imagens” de sujeitos, lugares, tempos. Esses elementos são designados como “figuras”.

A análise das figuras insere-se no âmbito da “semântica discursiva”, que envolve dois procedimentos, o da figurativização e o da tematização, que são dois níveis distintos de concretização do sentido. Compreende-se como figura o termo que remete a algo existente no mundo natural. Interpretar um texto pressupõe, assim, identificar esses elementos figurativos e estabelecer relações com os temas que eles atualizam em sua concretização máxima.

Conforme Fiorin, “Tema é um investimento semântico de natureza puramente conceptual, que não remete ao mundo natural”, traduzindo-se como “categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do nível natural: elegância, vergonha, raciocinar, calculista, orgulhoso etc.” (FIORIN, 2008, p. 91). A depender do gênero, os temas são explicitamente evocados, o que vai caracterizar um texto predominantemente temático.

Do mesmo modo, se num texto temos a maior presença de figuras, teremos então um texto predominantemente figurativo. Assim, um conto tende a ser predominantemente figurativo, enquanto um editorial de jornal tende a ser mais temático. Necessariamente, interpretar pressupõe a capacidade de abstrair os temas. Na relação entre temas e figuras temos a inscrição ideológica do texto.

A seguir, buscamos identificar, a partir das figuras acolhidas por Bruno, as imagens que vai edificando dos dois países, Itália e Brasil. Vemos ali como se constroem os temas da pobreza advindas da guerra ou da exploração econômica, da religiosidade, da fé, da (in)justiça. Do ponto de vista de sua inscrição ideológica, Bruno assume sempre a perspectiva dos mais pobres, seguindo sua filiação cristã.

#### 4.1 Imagens da Itália: no tempo da II Guerra

Em *Duas pátrias, um só coração*, estamos diante de narrativas que nos levam a conhecer uma Itália peculiar, na qual o personagem Lino descreve como sendo uma

[...] terra linda, dos mais belos sonhos, enfeitiçada pelos mares azuis que a circundam e pelas montanhas de neve eterna, que são a mais nobre coroa ao norte, seguindo depois como espinha dorsal até o extremo sul. (BRUNO, 2009, p.12)

Relatando as qualidades da natureza de seu país de origem, muitos são os adjetivos utilizados, mas não deixa também de trazer o sofrimento vivido por sua e outras famílias pobres. Seu pai era meeiro, o que obrigava a família Tranquilini a mudar-se constantemente. A situação se agrava com a guerra, obrigando-os a condição de migrantes.

É a triste sorte de muitas famílias pobres naquele sofrido fim de guerra na Itália. A gente muda sempre na esperança de melhorar e melhora é sempre tão difícil para uma família Tranquilini ela nunca chegou. (BRUNO, 2009, p. 16)

Como membro da classe trabalhadora, a vida para Lino na Itália nunca foi fácil, pois, desde muito jovem, era o braço direito de seu pai, sempre trabalhando no campo.

Parece ter sido ontem, mas já se foram mais de sessenta anos. Lino era ainda menino de seus sete anos e já era o braço direito do pai na roça, tanto que o mesmo pai comentava: “Não troco Lino por outro ajudante nenhum, mesmo que seja rapaz, pois Lino entende até mesmo meus pensamentos. Basta uma meia palavra e tudo acontece”. (BRUNO, 2009, p. 16)

A vida no campo era dura, com a família Tranquilini enfrentando vários desafios, como o do frio no inverno rigoroso europeu. Nessas situações, a crença cristã serve para apaziguar os mais humildes:

Para os pobres faz sentido saber que também Jesus já morou em um estábulo, pois era comum entre os camponeses o convívio com os animais no período de frio rigoroso, sem precisar acender as lareiras. (BRUNO, 2009, p. 24)

Em vários momentos vemos a família de Lino e até ele próprio correndo riscos, podendo a qualquer momento perderem suas próprias vidas para a guerra. A Itália daquela época vivia momentos de extrema tensão, dominados pelo discurso ufanista de Mussolini, que opta por apoiar a Alemanha de Hitler. A divisão da Europa acaba por representar ainda a própria divisão de famílias.

Os “partisans” apoiavam a França e a Inglaterra; Mussolini a Alemanha. Era uma luta desumana. Às vezes entre membros da mesma família: filho contra o pai, irmão contra irmão. Toda a Itália era um front de guerra, pois aviões ora alemães, ora franco-ingleses faziam incursões e metralhavam os inimigos os que assim julgassem. (BRUNO, 2009, p. 16).

Conforme os fatos da narrativa, Lino nos leva a entender a crueldade, o sofrimento das pessoas em viver nesse período de guerra, como no dia em que Lino precisou se esconder juntamente com sua irmã em uma vala para não serem mortos por soldados que sobrevoavam os céus em busca de seus alvos, podendo atingir qualquer um, até mesmo os inocentes. Na guerra, morrem também civis.

Encontramos muitos trechos memorialísticos que nos levam à compreensão do contexto histórico e político em que Lino estava inserido com sua família. São imagens impossíveis de serem esquecidas e por isso retomadas pelo narrador, como o momento da perda da mãe, que morre no parto. A morte prematura da esposa deixa o pai de Lino desesperado e desnorteado, o que terá ainda como consequência a diáspora familiar. Lino será levado então para viver em um orfanato, onde sofre humilhações ao ser tratado por “roceiro”. É também lá que se acentuará sua formação religiosa, seguindo rituais diários:

A vida do Lino no orfanato era uma eterna cantiga de grilos: levantar-se às seis horas da manhã, Santa Missa, leite em pó com pão reforçado; depois, em fila dois a dois frequentavam a escola municipal acompanhados pelo assistente e, quando passava alguma moça, deviam olhar para o outro lado, para não ter pensamentos pecaminosos. (BRUNO, 2009, p. 31)

Em 1949, Lino ingressa no seminário menor de Voghera, sonhando tornar-se padre. Luiz Orione era então muito amado pelos italianos e as ações junto à comunidade desenvolvidas por Lino eram bem acolhidas pela menção ao padre. Luiz Orione foi proclamado santo pelo papa João Paulo II em 2014.

Em 1955, Lino entra no noviciado. Ao saber da morte de Padre Adobati e do Irmão Serra, afogados no Tocantins, a que se segue a morte de seu assistente por infecção intestinal, Lino resolve consagrar-se ao trabalho no Brasil.

## **4.2 Imagens do Brasil por Ângelo Bruno**

Como já discutimos, estamos à frente de narrativas que nos remetem a duas localidades distintas constituídas por dois países: Brasil e Itália e, conseqüentemente, algumas cidades percorridas por Lino, o narrador, como, por exemplo, o Rio de Janeiro e Araguaína.

Na madrugada de 02 de dezembro de 1956, O Augustus parava nas proximidades da Baía da Guanabara esperando a fiscalização brasileira e o rebocador que iria levá-los até o porto. (BRUNO, 2009, p.40).

Conforme a citação acima, podemos nos certificar da data precisa em que Lino chega ao Brasil: 1956. O ano reporta ao governo de Juscelino Kubistchek, que empreende o que

ficou conhecido como período da Ditadura Militar, 1969 a 1973. Numa passagem mais adiante, o presidente é mencionado, sendo a rodovia Belém-Brasília ainda uma promessa:

Cruzado o rio Gameleira, na planície, encontramos o motorista revoltado com Juscelino, que garantiu que a Belém-Brasília era uma realidade que uniria o Norte ao Sul. (BRUNO, 2009, p. 52)

A partir desse momento, é possível verificarmos as primeiras impressões que o narrador sente ao chegar a sua mais nova pátria e assim segue por várias regiões e cidades até se fixar totalmente no norte goiano, posteriormente Tocantins.

Ao acompanharmos os passos de Lino em determinadas localidades, descobrimos e entendemos muito sobre algumas questões relacionadas ao contexto político e histórico da época, como o regime militar e o coronelismo de que, inclusive, o próprio narrador foi vítima.

Os professores reuniram-se e exigiram do diretor uma atitude mais forte. Foi como atizar fogo num monte de palha, pois esse aluno era mais forte era protegido dos magnatas que eram acostumados a impor suas vontades, sem serem obstaculizados. (BRUNO, 2009, p.74)

Aqui, o narrador registra suas impressões no que diz respeito ao forte coronelismo presente na época, uma verdadeira encenação na qual ficam expressas as relações assimétricas de poder com alguns que mandam e os outros que obedecem, estes sem poder dar suas opiniões sobre os fatos mesmo estando ao lado da verdade. Critica então os “magnatas”, “acostumados a impor suas vontades”. Segue Bruno, com sua denúncia.

Os políticos, então, procuraram o diretor e exigiram que o aluno não sofresse nenhuma penalidade. Assim, o diretor reuniu-se com os políticos e os professores. Na reunião, os professores sentaram-se nas cadeiras do meio da sala e os mandantes nas últimas cadeiras encostadas na parede, como se fossem fiscais, enquanto o diretor presidia da cátedra. (BRUNO, 2009, p.74)

Esse acontecimento deixa Lino completamente desmotivado, constrangido e sem reação, sentindo-se só, pois nem mesmo os colegas ficaram do seu lado, temendo, sem sombra de dúvidas, algumas punições.

Seguindo as mais variadas exposições feitas pelo narrador, encontramos em alguns momentos relatos que nos revelam o período em que o Brasil vivia sob o regime militar: Naqueles anos de estados de sítio, sendo governo os militares, todas as segundas feiras deviam ter momento cívico, quando hasteava-se o pavilhão nacional ao canto do hino pátrio. (BRUNO, 2009, p.91)

Nesse capítulo, intitulado *Líder*, Lino fala do momento em que teve que fazer um discurso de exaltação às “virtudes cívicas”. O personagem aproveita para expressar sua crítica às relações de poder, explicando metaforicamente a luta de classes.

Parece que a sina da humanidade é perenizar a lei das selvas, onde o maior engole o menor. Creio firmemente que não será sempre assim, pois quando o pequeno acreditar que a força dele está na união, então, ninguém mais o vencerá porque os pequenos são maioria. É sabido que a raposa nunca faz o interesse das galinhas. (BRUNO, 2009, p.91).

Vemos nessa fala que o narrador sente alguma esperança de dias melhores, mas não deixa de apontar os equívocos e dilemas de então, relacionados à exploração dos mais pobres. De acordo com a narrativa, Lino seria uma espécie de “subversivo” aos olhos dos militares, porque retoma a perspectiva marxista sobre as relações de dominação econômica. Em vez de exaltar o discurso militar, aproveita para provocar uma reflexão sobre as condições sociais de seu tempo.

Bruno emprega a metáfora “nuvens negras” para se reportar ao período da ditadura militar no Brasil (1964-1985). Como italiano, sente-se ameaçado pela política de caça a lideranças religiosas de nacionalidade estrangeira. É nesse momento que, por prudência, resolve obter a nacionalidade brasileira, “para diminuir a desconfiança das autoridades locais” (BRUNO, 2009, p. 129).

Essa desconfiança não se dava por acaso. Bruno fala do episódio envolvendo o patricio Nicola Arpóni, que atuava junto à luta dos posseiros de Wanderlândia, amealhando a fúria dos ricos grileiros. O capítulo narra o sequestro sofrido pelo missionário leigo, que só não teria sido executado em função do grande número de testemunhas. Corajosamente, Bruno aponta o então governador como um dos maiores grileiros do país, responsável pela perseguição ao missionário:

Uma tarde, ele estava na cidade andando pela rua, quando dois soldados do exército à paisana o intimaram para segui-los. Sorte sua que vários moradores viram, desconfiaram e o seguiram. Nas imediações da cidade, estava pousado um helicóptero do exército, os três embarcaram para Marabá-PA onde estava o comando da anti-guerrilha, e de lá seguiram para Imperatriz/MA onde se encontrava o pelotão do exército das selvas. Em seguida, para Goiânia, de onde tinha saído a ordem de sequestrá-lo. Lá, enfim, foi libertado. A ordem veio do governador de Goiás, um dos maiores grileiros de terra. Deviam, após sequestrado, levá-lo a um lugar deserto e das alturas despencá-lo para que se espatifasse e assim sumisse do mapa sem deixar rastro de si. (BRUNO, 2009, p. 128)

É nesse capítulo que fica mais explícita a presença dos militares na região e a hostilidade junto a líderes religiosos envolvidos em causas populares relacionadas a disputas de terras na região. Bruno menciona rapidamente o confronto de militares com os chamados guerrilheiros do Araguaia, referindo-se ao comando militar em Marabá (a Casa Azul). Diante

disso, afirma que, apesar do amor pela Brasil e a beleza de seu céu cor de anil, este já foi toldado por “densas nuvens negras” (BRUNO, 2009, p. 129).

No mesmo breve capítulo, menciona o padre Mauricio Maraglio, ligado a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e que foi assassinado no Maranhão, em 1986<sup>2</sup>. Na passagem, denuncia o modo como a imprensa o teria caluniado:

O que ele suportou nos últimos momentos da sua vida, as derradeiras palavras que ele proferiu, na certa vão ficar para sempre gravadas nos anais do céu e só conhecidas no dia do juízo final. Porque aqui na terra está envolto no maior mistério. A imprensa despejou veneno na sua morte, enlameando seu nome e destruindo sua honra. Mataram-no duas vezes em circunstâncias obscuras, claramente forjadas para sujar o nome dele e o trabalho pastoral da igreja. (BRUNO, 2009, p. 129)

Lino tem aí sua clara posição política, vinculando-se às lideranças da igreja mais à esquerda. Na mesma direção, na medida em que vamos fazendo a leitura do texto, encontramos o autor fazendo críticas severas sobre a situação dos professores, o salário recebido por eles, as condições de trabalho e o papel do professor. Lino reflete sobre a situação da educação que é sustentada por professores leigos, mas que estavam no exercício do magistério há muito tempo, recebendo um salário que era uma vergonha nacional.

E pensar que ser educador vai muito além de se transmitir matérias, mas algo sublime, incomparável, divino; é imbuir-se de bondade, oxigenando as veias e sentir na pele as dificuldades dos alunos, tentando ajudá-los. Para tanto, urge que se ganhe bem, pois que melhor que a educação é a paz que existe em casa. Onde não existe nem o mínimo, não se pode exigir o máximo. (BRUNO, 2009, p.111)

O narrador continua sua crítica, contrapondo-se ao discurso de que educar é um “sacerdócio” e não uma profissão a merecer reconhecimento salarial correspondente aos seus esforços: Para que falar em sacerdócio e exigir amor à educação, sem a mínima contrapartida? Vamos agir com justiça dando-lhe um salário digno e verão cada mestre ser um educador à altura das expectativas. (BRUNO, 2009, p. 111)

#### 4.2.1 Aspectos da cultura do Tocantins ressaltados pela memória de Ângelo Bruno

Ressaltaremos agora alguns aspectos presentes no livro aqui analisado do autor Ângelo Bruno no que diz respeito a peculiaridades culturais do Tocantins ressaltados pelo exercício da memória.

---

<sup>2</sup> No mesmo ano, um outro padre ligado a CPT foi assassinado no Maranhão, na cidade de Imperatriz, Josimo Morais Tavares.



Inicialmente, destacamos o capítulo nomeado *O primeiro contato*, no qual é possível perceber um dos muitos sonhos de Lino sendo concretizados: chegar a tão sonhada Araguaína, norte de Goiás, conforme o trecho abaixo.

E foi-se embora 1957. Em janeiro de 1958 entrou no retiro espiritual em Belo Horizonte. Chegou o provincial e procurou ao Lino se não queria ir para Araguaína, nas missões do norte de Goiás. Era o sonho de sua vida, aceitou na hora. (BRUNO, 2009, p. 43)

Dessa forma, é possível notar como Lino sonhava em atuar nessa região como missionário religioso, aceitando de imediato a proposta feita a ele. Assim, o capítulo revela como se deu sua chegada no antigo norte goiano. Podemos perceber como eram os meios de transporte há alguns anos, aqueles mais utilizados pelas pessoas.

Chegando ao fim do retiro, no dia marcado, Lino embarcou no avião do CAN, Correio Nacional, que fazia linha para Barreiras (BA) e Carolina (MA). Chegaram a Carolina após uma ótima viagem: “[...] apesar dos vácuos que fizeram a aeronave solavancar” (BRUNO, 2009, p.43)

Esses eram aviões militares que tinham como objetivo integrar as diversas regiões do país. Por esse motivo, possuíam relevante papel social. Notamos aí um pouco das dificuldades de deslocamento na região Norte, por não existirem aviões comerciais. A isso se aliava a má qualidade das estradas e a ausência de pontes.

Assim, as narrativas feitas por Lino nos revelam momentos de sua vinda para essa terra que lhe era totalmente desconhecida, destacando principalmente as mais variadas conduções usadas e todo o percurso feito por ele até o seu destino, considerando os riscos como o da travessia de rios.

Padre Estevão era um homenzarrão e tinha uma linda voz de tenor. Naquele dia, arrumou dois animais, selou-os e, lá pelas três da tarde, despediu os dois com uma advertência: Chegando ao Corrente, porém não é prudente atravessa-lo de noite. (BRUNO, 2009, p. 44)

Lino é submetido a várias situações que deram a ele experiências inesquecíveis. Relaciona acontecimentos difíceis, mas que, para o narrador, eram enfrentados com muito entusiasmo e coragem, pois o sonho falava mais alto. Em certos momentos, ele precisou atravessar rios, andar a cavalo etc., tudo encarado como uma aventura.

No capítulo referente à sua chegada a Araguaína, nos deparamos com relatos minuciosos sobre aspectos da cultura local: comidas que eram preparadas, o que se tinha que comer no almoço, no café, relatos enriquecedores que nos remetem a um lugar de coisas e pessoas simples, com a natureza sempre presente.

Foram acolhidos naquela morada em uma simples palhoça feita de folhas de babaçu. Ali, ataram as redes. A esposa, dona da casa pediu desculpas por não ter nada para oferecer. Além de peixes fritos com farinha de puba e um cafezinho passado na hora com rapadura. (BRUNO, 2009, p.45)

Segundo a citação acima, houve vários momentos cheios de surpresas nos quais Lino faz muitas descobertas, ainda assim, mesmo quando ele enfrenta o desconhecido, age com muito otimismo.

Os assuntos ligados a sua fé e religião, além de sua obediência, fazem com que Lino trace um caminho totalmente desconhecido e ele assim o faz de uma forma bem positiva, mencionando tudo que vê, conferindo ao texto grande figuratividade nessa caracterização: Cavalgando, chegaram ao rio Jacuba, andaram mais uns quinze minutos e avistaram ao pé da serrinha umas casas de palha e poucas de tijolos e telhas; pareciam uma grei de ovelhas brancas e uns poucos cabritos marrons. (BRUNO 2009, p.4)

No simples acelerar do passo dos animais, num piscar de olhos, estava em Araguaína, precisamente no dia 25 de fevereiro de 1958, às oito e trinta da manhã. Era o norte de Goiás, finalmente a missão com a qual tanto sonhara. Era mais uma realização das tantas que ainda viriam. O que ele constata é que se apresentava então como um lugar de pobreza, porém de pessoas felizes, mesmo tendo tão pouco: “Quanta pobreza! Mesmo assim não havia miséria, apesar de tudo era um povo feliz!” (BRUNO, 2009, p.45).

Encontramos também sua inteira dedicação voltada a sua religiosidade, que atravessa toda a narrativa. A identidade do missionário atravessa a do narrador. Um exemplo disso podemos ver no curto capítulo denominado como “A desobriga”. Ali temos a narração de instantes intensamente importantes e sagrados para a vida de quem fazia missões como no caso de Lino, tanto quanto na vida das pessoas que aguardavam a visita dos missionários:

Uma das tarefas mais sagradas de todo missionário é a Desobriga. Desde o mês de fevereiro ou março o pároco enviava a carta aos vários responsáveis que assumiram a missão de reunir todo o povo da vizinhança oferecendo o almoço para todos os presentes. As visitas do padre aconteciam sempre nos meses de julho e agosto que é a estação da seca. Essas viagens prolongavam-se por mais de um mês. (BRUNO, 2009, p. 50)

Como destacado por Lino, aqui vemos um dos momentos vividos pelo missionário e que também deixa claro como eram realizados esses acontecimentos na vida de quem se dedicava à religiosidade no interior do Brasil.

Em sua dissertação de mestrado, na qual Costa aborda a ação de missionários na região, ele explica:

Nessa região, através das atividades desenvolvidas junto à população do antigo Norte Goiano, as que mais despertavam a atenção dos religiosos e da comunidade eram as chamadas desobrigas, atividades que eram realizadas junto às comunidades, através das quais realizava a catequese, os batizados, casamentos, missas e momentos de descontração para que se pudesse conhecer as diversas comunidades que estavam espalhadas por esta região. (COSTA, 2017, p.54).

Por meio desses encontros missionários, iam estabelecendo laços entre todos os envolvidos. Eram momentos muito esperados por todos. Percebemos, por essas narrativas, que existia união, pois era necessário que os proprietários, donos de propriedades, cedessem suas terras para a comunidade, fazendo acontecer todo o ritual da desobriga.

Como missionário, seu primeiro trabalho e contato foi com os jovens.

Logo nos primeiros dias, o responsável traçou para Lino as coordenadas de suas obrigações. Foi um bê-a-bá bem direto: “Olha, não quero que você se meta no meu serviço na construção da igreja. A sua obrigação é com a juventude, é com a escola; se der conta disso, já me ajuda bastante”. (BRUNO, 2009, p. 46)

Então Lino mostra, ao longo da narrativa, como era prazeroso estar com essa juventude, momentos de muito trabalho e também momentos de pura diversão. Uma das brincadeiras que ficou na lembrança, foi o torneio de briga de galos:

Calma, não era uma rinha de animais, mas uma gostosa brincadeira entre dois competidores que de braços cruzados e cada um com um pé só. Eles se batiam com os ombros e vencia quem fizesse o outro apoiar o segundo pé primeiro. O povo vibrava e aplaudia os vencedores. (BRUNO, 2009, p.47)

O que antes era como se fosse uma incógnita, aos poucos se desvenda: lugares, conduções, brincadeiras, estradas e, assim, ele conta a nós cada passo seu vivido na cidade.

A condução ia devorando os quilômetros enquanto ele sonhava entre um solavanco e outro e outro. O trecho de Anápolis para Araguaína era bem sofrido por serem mais de mil quilômetros de terra batida e a frota de ônibus era de verdadeiros calhambeques, onde acontecia de tudo. (BRUNO, 2009, p.79)

Nas inúmeras aventuras vivenciadas pelo narrador, existiram momentos engraçados nos quais ele próprio estava envolvido. Nas diversas andanças, há muitos relatos, algumas desagradáveis, mas, em meio a tantas outras coisas boas, que não tinha como reclamar: a solução era agir naturalmente.

Lino não fala em ônibus, mas acentua que a maioria dos carros tinha os vidros quebrados e os passageiros revestiam-se de poeira:

Um passageiro das cadeiras da frente cuspiu pela janela a fora e o catarro foi trazido pelo empuxo exercido pelo móvel em velocidade, numa das janelas mais atrás e foi

bater no rosto do Lino que estava cochilando. Acordou com esta desagradável cena e notou que não adiantava reclamar. (BRUNO, 2009, p.79)

São registros marcantes que nos tornam sabedores de como o narrador encarou esses momentos únicos em sua vida, fazendo com que nós possamos imaginar e entender como aconteciam coisas importantes. Outro fato que ele narra é a reação das pessoas no dia do seu casamento.

No dia marcado, Xambioá em peso estava em festa, apoiando o casal Lino e Clélia. Professores, alunos e o povo em peso compareceu ao enlace matrimonial, o que mais chamou a sua atenção. Lino sentiu na pele o quanto era querido, só os coronéis não gostavam dele, mas a massa sofrida festejava. Até os irmãos crentes passavam mensagens de felicitações pelo alto falante e isto, para o ego dele valeu muito. (BRUNO, 2009, p.82)

Lino apresenta-se como um homem do povo, membro da “massa sofrida” e deixa claro que sua ação religiosa e política não agradava os donos do poder na região: “só os coronéis não gostavam dele”.

Entre todas as lembranças, as que se referem ao estado do Tocantins, suas marcas, sua história, fazem o leitor olhar de outra maneira as coisas que para ele poderia ser normal, especialmente aqueles leitores que nasceram e ainda vivem no Estado.

Ter um olhar de alguém de fora, desperta a curiosidade e faz com que a narrativa se torne mais atraente e leve e, por assim dizer, divertidas, graças às histórias engraçadas contadas pelo narrador, que tem um olhar otimista mesmo diante da gravidade dos problemas que evidencia: a intromissão dos “coronéis” nas escolas, a condição de sofrimento do povo, a precariedade das condições de vida, a perseguição a lideranças religiosas no período da ditadura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra aqui analisada nos faz perceber que a expressão literária presente no Tocantins, embora pouco explorada e conhecida como deveria, é importante para que percebamos as características culturais e históricas do estado. Nesse sentido, os elementos discutidos e apresentados neste trabalho pretenderam mostrar que o livro de Bruno se torna bastante valioso.

A vasta obra de Bruno, 10 livros ao todo, sendo a sua grande maioria, livros de poesia, um de cunho religioso e este, aqui analisado, um livro de memórias, revelam que o autor, embora não tenha nascido na região, tampouco no Brasil, é caracterizado como autor Tocantinense.

Sua obra, tão valiosa nos mais diversos aspectos, faz-nos refletir sobre as dificuldades que ainda encontramos de ter uma Literatura Tocantinense menos tímida e mais divulgada, pois ainda temos dificuldades de circulação daquilo que é produzido aqui.

Buscamos, através da análise do enredo e da apresentação dos temas abordados na obra, identificar as características da prosa desse autor. Diante disso, fizemos uma reflexão acerca do gênero memória e o modo como Bruno constrói sentidos para a sua experiência, interpretando os fatos vividos à luz de seus saberes, alegrias, tristezas e frustrações.

Percebemos que o autor traz uma Literatura ousada, através das suas narrativas, e apresenta aos leitores reflexões acerca do início da construção do Estado, do clero religioso, da população e seus costumes, informações que transcendem as páginas lidas e faz com que o leitor perceba que a atual realidade é tão, ao mesmo tempo em que é nada, diferente do que outrora fora.

Desse modo, percebemos enfaticamente que é através da memória de Bruno, apresentada aqui na narrativa, que pudemos analisar alguns aspectos relativos à cultura e à história do Tocantins, considerando um passado ainda pouco conhecido do nosso povo.

Estão ali presentes alguns dos nossos costumes e pensamos que podem ser relevantes para todos os que nasceram aqui, os que fazem morada nesse Estado e os que desejam conhecer um pouquinho mais dele a partir de uma perspectiva literária.

## REFERÊNCIAS

- COSTA, M. M. **As relações de poder no processo de territorialização dos religiosos da congregação Pequena Obra da Divina Providência no norte goiano (1950-1970)**. 2017. 141 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território). Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2017.
- CRUZ, J. M. S. **A representação do imaginário local em Serra dos Pilões – jagunços e tropeiros e Mandinga: uma literatura de formação no Tocantins**. 2008. 150 f. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.
- DEBONI, M. A. **O papel das Academias de Letras na Formação e Caracterização da Atividade Literária no Tocantins**. 2007. 135 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007
- DEBONI, M. A.; DEUS, R. O. (org.) **Achados poéticos: uma antologia dos poetas da Acalanto**. Araguaína: UFT/FIETO, 2003.
- DEBONI, M. A. A vida social e cultural e a atividade literária no Tocantins. Revista **EntreLetras (Araguaína)**, v. 2, n. 1, p. 13-23, 2011.
- BRUNO, A. **Duas pátrias, um só coração**. Goiânia: Kelps, 2009.
- LUZ, A. **Documento curricular do Tocantins é aprovado pelo Conselho Estadual de Educação**. Disponível em: <https://educ.to.gov.br/noticia/2018/11/30/documento-curricular-do-tocantins-e-aprovado-pelo-conselho-estadual-de-educacao/>. Acesso em 30 abr. 2019.
- MAGALHÃES, H. G. D. (Org.) **Leituras de textos de autores tocantinenses**. Goiânia: Kelps, 2008.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História**, São Paulo, v. 10, p. 7 – 28, 1993.
- ROCHA, P. A. (org.). **Um olhar sobre a literatura tocantinense**. Gurupi: Veloso, 2019.
- TOCANTINS. **Programa estadual do livro e da leitura Vamos Ler! Literatura tocantinense**. Palmas: Secretaria da Educação, Juventude e Esportes, 2016.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 2002.